

***Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It* de Janina Ramirez: O caso de Hildegard von Bingen**

Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It by Janina Ramirez: the case of Hildegard von Bingen

Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It by Janina Ramirez: el caso de Hildegard von Bingen

Andréa Moraes da Costa¹

 [0000-0001-7470-2943](https://orcid.org/0000-0001-7470-2943)

Resumo: Este artigo traz uma leitura de *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It*, obra publicada em 2022, de Janina Ramirez, tendo como foco a figura de Hildegard, uma das mulheres tratadas pela autora nessa obra. Sem a intenção de encerrar os debates possíveis a partir de sua leitura, pretende-se, com isso, defender a importância do reconhecimento e da circulação de histórias produzidas por mulheres e sobre mulheres que viveram em diferentes sociedades e épocas, visando a contribuição para uma perspectiva histórica mais ampla e inclusiva.

Palavras-chave: *Femina*. Feminismos. História. Idade Média. Janina Ramirez.

Abstract: This paper presents an analysis of *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It*, work published in 2022, by Janina Ramirez, focusing primarily on the figure of Hildegard, one of the women treated by the author in this work. Without the intention of closing the possible debates based on its reading, the goal is to advocate the importance of recognizing and circulating stories produced by women and about women who lived in different societies and times, aiming to contribute to a broader and more inclusive historical perspective.

Keywords: *Femina*. Feminisms. History. Janina Ramirez. Middle Ages.

Resumen: Este artículo presenta una lectura de *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It*, obra publicada en 2022, de Janina Ramírez, centrándose en la figura de Hildegard, una de las mujeres tratadas por la autora en esta obra. Sin la intención de cerrar los posibles debates a partir de su lectura, se pretende defender la importancia de reconocer y difundir relatos producidos por mujeres y sobre mujeres que vivieron en diferentes sociedades y épocas, con el objetivo de contribuir a una perspectiva histórica más amplia e inclusiva.

Palabras-clave: Edad Media. *Fémina*. Feminismos. Historia. Janina Ramirez.

¹ Doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Docente Associado da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. *Lattes:* [0285593041683749](https://lattes.cnpq.br/0285593041683749) - *E-mail:* andrea@unir.br.



Introdução

Fico constantemente horrorizada com a forma como a nossa compreensão do passado se baseia em mentiras e manipulação. É de esperar, claro, já que cada geração reescreve o passado de uma forma que se adapte ao seu presente. Mas grande parte da culpa recai sobre os estudiosos do século XIX. A sua filtragem de acontecimentos históricos significou que muitas vidas medievais foram simplesmente ignoradas e perdidas, ou foram reescritas para se adequarem a uma nova superpotência imperial e colonial²³ (Ramirez, 2020).

Orientada pela ideia expressa na epígrafe acima, Janina Ramirez, historiadora cultural e apresentadora da *British Broadcasting Corporation (BBC)*, propõe uma reavaliação de alguns registros ocorridos ao longo da Era Medieval – principalmente na Inglaterra – em *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It*⁴. Trata-se de uma obra publicada na Grã-Bretanha em 2022 e, ainda, sem tradução no Brasil. Como evidenciado em seu título, a obra aborda a exclusão de mulheres da História, trazendo ao debate a vida de mulheres “ignoradas e perdidas”⁵ que viveram na Idade Média.

Fazem parte dessa jornada histórica de Ramirez: Rex Jadwiga, a única “mulher rei” da Polônia; a Guerreira Birka; a cristã Margery Kempe; a Princesa Loftus, cuja existência nos fornece pistas sobre as origens do cristianismo na Inglaterra; Hildegard von Bingen, uma renomada abadessa alemã; Cynethryth, habitante do reino de Mercia; Aethelflaed, a filha de Alfredo, o Grande; Eleanor, uma trabalhadora do sexo do século XIV, presa por atos de sodomia e prostituição; e bordadeiras anônimas.

Com esse empreendimento, ressaltando sua crítica contra o jogo de poder abrangendo o feminino e a tradição, a historiadora assumiu uma postura típica de estudiosos. Essa postura “[...] envolve o que Foucault certa vez chamou de ‘erudição implacável’, rastrear fontes alternativas, exumar documentos enterrados, reviver histórias esquecidas (ou abandonadas)”

² A autoria das traduções, informadas neste texto, é conferida a mim, enquanto autora deste artigo.

³ Original: “I am consistently horrified by how our understanding of the past is founded on lies and manipulation. It is to be expected of course, as every generation rewrites the past in a way that suits their present. But much of the blame lies at the feet of the nineteenth-century scholars. Their filtering of historical events has meant many medieval lives were simply ignored and lost, or were rewritten so as to fit a new imperial and colonial superpower (Ramirez, 2020).

⁴ *Femina: uma nova história da Idade Média, através das mulheres dela suprimidas*.

⁵ Ramirez não nos revela sobre seus critérios para a seleção das mulheres abordadas em *Femina*. No entanto, a autora menciona que muitas das mulheres descritas em sua obra apresentam algo em comum, isto é, adotaram um modo alternativo de vida, um modo que as afastou deliberadamente de lugares predeterminados a mulheres, tais como cozinha e berçário (Ramirez, 2023, p. 18).



(Said, 2005, p. 17). À vista disso, para a escrita de *Femina*⁶, a autora empenhou-se no retorno às fontes primárias e a encontrar uma versão do passado que fosse “talvez mais ‘verdadeira’⁷”, sem ignorar que “o destino de todo estudioso” é filtrar o que é estudado através de si mesmo e do tempo em que vive⁸ (Ramirez, 2020).

Em se tratando de filtro temporal, considerando que estamos vivenciando uma era caracterizada pela propagação cada vez mais crescente de vozes femininas – projetadas a partir de uma série de áreas, incluindo a ciência, a tecnologia, a literatura, a mídia, a política, dentre outras –, o mundo de Ramirez compreende um espaço em que parece não haver teses suficientes, nem tampouco justas para que a história seja contada a partir de uma única lente, a masculina. Assim, sem intencionar “[...] traçar uma linha divisória entre homem e mulher, para sublinhar a importância de um em oposição ao outro”, a autora, destaca que seu desejo, a partir de *Femina*, é “[...] mostrar que agora existem muitas outras maneiras de abordar a história”, pois, de acordo com seu argumento, “[...] o desenvolvimento da arqueologia, os avanços na tecnologia e a abertura a novas perspectivas tornaram as mulheres medievais maduras para a redescoberta”⁹ (Ramirez, 2023, p. xiii).

Femina, como fruto desse modo de pensar, provoca um giro na lente que foca a Idade Média como o único período da história responsável pela discriminação perpetuada hoje, revelando-nos que muitas dessas discriminações, na verdade, são produtos dos últimos séculos. Essa provocação de Ramirez encontra ecos no passado. No século XIX, por exemplo, Emily Wilding Davison (1872-1913) e Grace Warrack (1855-1932), aludidas na introdução de *Femina*, acenavam para a época medieval como um tempo em que às mulheres era reservado um lugar importante.

⁶ Dada à extensão significativa do título – *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It* –, ao referenciá-lo, daqui em diante empregarei somente sua parte inicial, isto é, *Femina*.

⁷ Porém, cabe observar que, considerando que narrativas históricas são influenciadas por uma série de perspectivas, fontes e interpretações, dentre outros aspectos, resultando em diferentes versões de uma mesma história, entendemos que, ao invés de buscar uma versão do passado “mais verdadeira”, seria mais produtivo acenar para as múltiplas interpretações e perspectivas possíveis de um determinado acontecimento. Compreendemos que um esforço nesse sentido valoriza a diversidade de vozes e narrativas, enriquecendo nossa visão sobre o mundo.

⁸ Original: “I’m trying to return to original sources and find a version of the past that is perhaps more ‘true’, but it is every scholar’s fate that we sieve what we study through ourselves and the times in which we live” (Ramirez, 2020).

⁹ Original: “I’m also not here to draw a dividing line between male and female, to stress the importance of each in opposition to the other. Instead, I want to show you that there are so many more ways to approach history now. [...] developments in archaeology, advancements in technology and an openness to new angles have made medieval women ripe for rediscovery” (Ramirez, 2023, p. xiii).



A respeito de Davison, cumpre mencionar que ela conquistou notoriedade durante a luta pelo direito ao voto feminino em seu país, liderada por Emmeline Pankhurst (1858-1927), na Grã-Bretanha. O movimento, que teve êxito em 6 de fevereiro de 1918, com a inscrição de mulheres nos registros eleitorais, foi marcado por ações extremas por parte de algumas sufragistas. Dentre essas ações, incluíram-se sabotagens nos sistemas elétricos, depredação de vitrines, interrupção da circulação de trens – devido a sufragistas se acorrentarem às linhas férreas em forma de protesto. Nesse cenário, em 1913, Davison entrou para a história ao jogar-se em frente ao cavalo do rei, Jorge V (1865-1936), vindo a falecer alguns dias mais tarde, em decorrência desse episódio. O engajamento da britânica na luta feminista pode ser conferido também em sua produção escrita.

Ramirez aponta que Davison deixou-nos uma série de artigos sobre a relação entre o passado e o presente, argumentando como o primeiro moldou seu presente (Ramirez, 2023, p. 5). Mas a militante não comungava da opinião de que as sufragistas estavam inaugurando novas possibilidades para o universo feminino. Ao invés disso, ela considerava que essas mulheres “[...] estavam atacando um fenômeno recente de opressão. Ela queria voltar a uma época anterior, a qual ela acreditava ser habitada por mulheres poderosas”¹⁰ (Ramirez, 2023, p. 5). Davison referia-se ao período medieval, percebido por ela como “[...] um modelo que desafiava o padrão de misoginia incorporado na era moderna¹¹”, pois “[...] sua visão do mundo medieval era rica em diversidade, com homens e mulheres como iguais”¹², segundo palavras de Ramirez (2023, p. 5).

Quanto a Grace Warrack, uma presbiteriana de Edimburgo, seu trabalho como tradutora colaborou para que o nome de Julian de Norwich (1342-)¹³ ressurgisse a partir do século XX, ressaltando-a como importante figura feminina medieval. Em 1373, Julian foi acometida de uma enfermidade severa, que a levou a um estado de aparente morte. Nesse período, ela teve visões que revelavam o amor de Deus pela humanidade na Paixão de Cristo. Seguindo-se a isso, Julia restabeleceu sua saúde e, em um alto-confinamento, dedicou-se a

¹⁰ Original: “[...] they were attacking a recent phenomenon of oppression. She wanted to return to an earlier time which she believed was populated by powerful women” (Ramirez, 2023, p. 5).

¹¹ Original: “[...] a model that challenged the pattern of misogyny embedded in the modern age” (Ramirez, 2023, p. 5).

¹² Original: “[...] her view of the medieval world was one rich in diversity, with men and women as equals” (Ramirez, 2023, p. 5).

¹³ Não há informações precisas sobre a data de falecimento de Julian de Norwich. Cogita-se, no entanto, que sua morte tenha ocorrido em torno do ano de 1417.



refletir sobre tais revelações. Foi em sua reclusão que Julia escreveu *Revelations of Divine Love*¹⁴, que é, de acordo com Ramirez (2023, p. 11), o primeiro livro escrito em língua inglesa por uma mulher que se tem conhecimento.

Como descrito em *Femina*, a tradutora foi até a Biblioteca Britânica de Londres em busca de um místico católico inglês do século XI, assim, analisando o catálogo dos cinquenta mil livros, manuscritos e imagens deixados pelo escocês Hans Sloane (1660-1753) para a biblioteca no século XVIII, Grace encontrou uma entrada interessante, sob o título *Magia e Bruxaria*. Tratava-se de um manuscrito intitulado *Revelations to One Who Could Not Read a Letter*¹⁵, 1373' (Ramirez, 2023, p. 10). Portanto,

Ela havia encontrado o que procurava – a cópia mais antiga sobrevivente de *Revelations of Divine Love*, de Julian de Norwich. Ao longo de um mês, Grace transcreveu o texto completo e o traduziu do inglês medieval para o inglês moderno. Ela então retornou a Edimburgo e conseguiu persuadir o editor Methuen a imprimir o primeiro texto impresso completo da obra de Julian em 1901. Desde então, nunca ficou esgotado e gerações de estudiosos descobriram a obra-prima medieval graças à tradução de Grace. Grace estava determinada a que as opiniões calmas, contemplativas, mas revolucionárias, de Julian sobre a espiritualidade fossem disponibilizadas a um público amplo. Ao publicar *Revelations of Divine Love*, Grace proporcionou às mulheres do século XX uma de suas mais impressionantes antepassadas medievais¹⁶ (Ramirez, 2023, p. 10).

Desse modo, por meio da tradução de Warrack, a leitura de *Revelations of Divine Love* configura-se para além de uma obra de teor espiritual. Como declarado por Ramirez (2023, p. 10), a obra – sobrevivente à queima de livros na Reforma – pode fornecer esclarecimentos acerca dos motivos pelos quais um número reduzido de mulheres na Idade Média ganhou registro ao longo dos séculos.

Distanciada por mais de um século e meio de Davison e Warrack, Ramirez agora dá continuidade ao que ambas principiaram no passado, trazendo à tona, em *Femina*, vozes femininas que dentro de seus contextos medievais serviram de inspiração e que ao longo da história foram, de algum modo, esquecidas ou invisibilizadas.

¹⁴ *Revelações do amor divino*.

¹⁵ 'Revelações para alguém que não podia ler uma carta'.

¹⁶ Original: "She had found what she was looking for – the earliest surviving copy of Julian of Norwich's *Revelations of Divine Love*. Over the course of one month Grace transcribed the full text and translated it from medieval to modern English. She then returned to Edinburgh and managed to persuade the publisher Methuen to print the first complete printed text of Julian's work in 1901. It has never been out of print since, and generations of scholars have discovered the medieval masterpiece thanks to Grace's translation. Grace was determined that Julian's quiet, contemplative yet revolutionary views on spirituality should be made available to a wide audience. By publishing *Revelations of Divine Love*, Grace provided twentieth-century women with one of their most impressive medieval foremothers" (Ramirez, 2023, p. 10).



Consoante a isso, proponho-me aqui a apresentar uma leitura de *Femina*, tendo como delimitação a figura de Hildegard, uma das mulheres tratadas por Ramirez nessa obra, sem intencional encerrar os debates possíveis a partir de sua leitura. Objetivo, com isso, defender a importância do reconhecimento e da circulação de histórias produzidas por mulheres e sobre mulheres que viveram em diferentes sociedades e épocas, visando a contribuição para uma perspectiva histórica mais ampla e inclusiva.

Sendo essa uma causa que envolve a (in)visibilidade feminina, ponto de interesse dos Estudos Feministas, incluo em minhas reflexões posicionamentos de autoras cujos trabalhos atentam para esta problemática. Acredito que a adoção desse viés seja útil ao debate proposto, pois a base investigativa de Ramirez, para a composição de *Femina*, conta com importantes nomes os quais atuaram em prol de causas feministas, como é o caso da militante sufragista inglesa Emily Wilding Davison, conforme abordarei na próxima seção.

Ademais, a intersecção entre História e feminismos¹⁷ tem se revelado cada vez mais significativa. Além de congregar estudiosos que atuam nessas áreas, essa intersecção tem também possibilitado uma perspectiva mais abrangente para as pesquisas desses campos epistemológicos. Nessa linha, destaco o nome da francesa Michelle Perrot (1928-), uma das mais célebres historiadoras que atua na causa feminista. Perrot (1989, p. 9) é tributária da ideia de que a narrativa histórica tradicional reserva às mulheres pouco espaço.

Aliás, segundo Perrot (1995, p. 13), “[...] até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído”, e as “[...] que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas”, logo, a “[...] noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem”.

Atenta a isso, ao desenvolver sua crítica a esse respeito, a historiadora – evocando “o sótão da história” – menciona que os “[...] arquivos públicos, olhar de homens sobre homens, calavam as mulheres. Seria necessário, entretanto, não esquecer as mulheres em meio a todos

¹⁷ Neste trabalho apoio-me na perspectiva do feminismo enquanto uma manifestação política – cujo escopo caracteriza-se como transdisciplinar –, sendo que, por isso, “[...] deve ser pensado no plural, para garantir a incorporação das diferenças nas relações de poder, vivenciadas entre mulheres que guardam interesses diversos e até contraditórios” (Esmeraldo, 2006, p. 830).



esses homens que, sozinhos, vociferando, clamavam o que tinham feito ou o que sonhavam fazer” (Perrot, 1989, p. 11).

É nesse sentido que percebo a importância de trazer à discussão o projeto de Ramirez, pois *Femina* contribui de modo singular para a reconstituição do lugar das mulheres no mundo e nos registros históricos, afastando-as, assim, desse silenciamento e esquecimento mencionado por Perrot. Mas, antes de imergir na substância dessa discussão, atendo-me ao título da obra de Ramirez, aqui analisada, procurando esclarecer mais especificamente sobre a expressão *femina* empregada em sua constituição.

***Femina*: o rótulo feminino**

O termo *femina*, inscrito na composição do título adotado por Ramirez na obra em pauta – *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It* –, está intimamente relacionado aos movimentos da Reforma religiosa que explodiram no norte da Europa do século XVI. Nesse período, “[...] as ideias sobre diferença sexual foram profundamente moldadas pelas convulsões religiosas da Reforma¹⁸”, e “[...] a rejeição do celibato clerical pelos Reformadores Protestantes e a valorização do casamento como fundação da sociedade os levou a articular novas visões sobre as diferenças entre homens e mulheres e seus respectivos papéis no casamento e na sociedade como um todo¹⁹” (Crowther, 2015, p. 668). Tais visões refletiam, portanto, as estruturas sociais e culturais da época, que compreendiam o casamento/família enquanto uma célula básica da sociedade.

Desdobramentos outros, oriundos de condutas patriarcais, também podem ser percebidos no que diz respeito à produção da escrita feminina da Idade Média. Ramirez (2023, p. 11) menciona que a partir da “[...] Reforma Protestante, muitas bibliotecas foram vasculhadas em busca de textos controversos. Vários termos abreviados foram usados em catálogos para indicar quais deveriam ser considerados e potencialmente destruídos²⁰”. A historiadora explica que a motivação para essa ação repousa na ideia de que os “[...] livros

¹⁸ Original: “In the sixteenth century, ideas about sexual difference were profoundly shaped by the religious upheavals of the Reformation” (Crowther, 2015, p. 668).

¹⁹ Original: “Protestant Reformers’ rejection of clerical celibacy and valorization of marriage as the foundation of society led them to articulate new views of the differences between men and women and their respective roles in marriage and in society as a whole” (Crowther, 2015, p. 668).

²⁰ Original: “From the Reformation onwards, libraries were scoured for controversial texts. Various shorthand terms were used in catalogues to indicate which should be considered and potentially destroyed” (Ramirez, 2023, p. 11).



foram registrados como contendo temas de ‘bruxaria’, ‘heresia’ e ‘Catolicismo’; o destino de muitos desses textos é desconhecido, sendo as listas o único registro de sua existência”²¹ (Ramirez, 2023, p. 11).

Esse fato encaminha-nos para a compreensão do termo *femina*, pois Ramirez (2023, p. 11) esclarece, na sequência, que “[...] *femina* era o rótulo rabiscado ao lado de textos sabidamente escritos por uma mulher, portanto menos dignos de preservação”²². De forma contrária, agora, o termo é empregado pela historiadora no título de sua obra, chamando atenção para histórias de mulheres que foram eclipsadas no passado medieval. Não seria, pois, exagero interpretar tal atitude como uma espécie de projeto de realocação, em que a mulheres da Idade Média é reservado o protagonismo por meio da pena de Ramirez.

Femina: reavaliando o estatuto das mulheres na Idade Média, o caso de Hildegard von Bingen

Em sua epígrafe inaugural, *Femina* conta com um fragmento de autoria de Hildegard von Bingen²³ (1098-1179), conceituada abadessa, teóloga, compositora, filósofa, visionária e cientista médica do século XII, conhecida também por Sibila do Reno. O referido fragmento, selecionado por Ramirez, expressa: “Eu sou a vida ígnea da substância divina, resplandeço acima da beleza dos Campos, brilho nas Águas, queimo no sol, na lua e nas estrelas”²⁴ (Hildegard *Apud* Ramirez, 2023, p. ix). Face ao contexto teológico, por exemplo, vivenciado por essa distinta figura feminina, parece claro que suas palavras sugerem uma conexão entre divino e a natureza, sendo possível, assim, depreender que estamos diante de uma celebração da presença divina em toda a natureza e em todas as coisas.

No entanto, tendo em vista que Hildegard se expressa a partir do século XII – época em que mulheres enfrentavam desafios para propagar suas vozes –, uma leitura baseada em

²¹ Original: “Books were recorded as containing ‘witchcraft’, ‘heresy’ and ‘Catholic’ subject matter; the destiny of many of these texts is unknown, with the lists the only record of their existence” (Ramirez, 2023, p. 11).

²² Original: “[Femina] was the label scribbled alongside texts known to be written by a woman, so less worthy of preservation” (Ramirez, 2023, p. 11).

²³ De nascimento Bermersheim vor der Höhe, na Alemanha, Hildegard von Bingen, traduzida para o português brasileiro como Hildegarda de Bingen. Opto aqui por seguir o nome adotado por Ramirez em *Femina*, isto é, a referência alemã.

²⁴ Original: “I am the fiery life of divine substance, I blaze above the beauty of the Fields, I shine in the Waters, I burn in sun, moon and stars” (Hildegard *Apud* Ramirez, 2023, p. ix).



uma percepção contemporânea acerca dos feminismos, pode nos conduzir a outros entendimentos.

Quando analisamos o excerto “Eu sou a vida ígnea da substância divina”, é factível conjecturar que há, de certo modo, uma reivindicação do direito das mulheres à espiritualidade, bem como ao reconhecimento de sua própria divindade (ou como parte integrante dela) e de seu valor intrínseco. Aqui, ainda, podemos considerar uma dada valorização do sagrado feminino enquanto energia vital e criativa que se projeta e percorre o universo.

Hildegard recebeu sua educação por irmãs beneditinas, no mosteiro de São Disibodo, na Renânia, Alemanha. Na condição de freira beneditina, Hildegard manteve-se seguindo as regras estabelecidas pela Igreja. Todavia, isso não a impediu de propagar ensinamentos os quais julgava importantes, mas que eram ignorados pela Igreja, a fim de que as rígidas orientações, fundamentadas em estruturas patriarcais impostas à sociedade na era medieval, fossem preservadas.

A projeção de seu nome teve início aos seus 42 anos, época em que Hildegard foi escolhida para suceder sua Santa mestra Jutta Sponheim (1091-1136), no mosteiro beneditino, ocupando a função de freira superiora a partir de então. Sua dedicação total a Deus culminou em uma série de experiências visionárias, pelo meio das quais lhe era revelada a realidade sob à luz do amor de Deus. Essa experiência instigou-lhe a levar a palavras de Deus a fiéis – muitas vezes, viajando pela Alemanha, mesmo com sua saúde frágil –, na intenção de que eles se convertessem à doutrina da fé.

Hildegard conquistou destaque, de modo especial, na literatura latina medieval devido à sua extensa produção escrita, assim como à ampla abrangência de suas temáticas, as quais não se encerraram em torno do campo teológico. Ela escreveu sobre linguística, música, poesia, cosmologia, medicina, dentre outros temas relacionados às suas práticas. Hildegard “[...] cruzou fronteiras disciplinares, em busca de formas de explorar as verdades mais profundas do universo, que ela sentia terem sido reveladas a ela através de suas visões²⁵” (Ramirez, 2023, p. 199).

²⁵ Original: “Hildegard crossed disciplinary boundaries in search of ways to explore the deeper truths of the universe, which she felt had been revealed to her through her visions” (Ramirez, 2023, p. 199).



O aspecto visionário envolvendo sua vida, destacadamente, configura-se como um de seus principais motes em seus textos, a exemplo de *Scivias* (1151). O título tem sua fonte no latim, sendo a abreviação de *Scito vias Domini* – Conhece os caminhos do Senhor. Na obra, Hildegard anota minuciosamente suas visões, fornecendo interpretações teológicas e exortações espirituais baseadas em suas experiências visionárias.

Nesse plano, Ramirez (2023, p. 186) expõe que, tal como Julian de Norwich, Hildegard “[...] voltou às suas visões repetidamente em todas as suas obras e, juntamente com extensas descrições do que viu, forneceu explicações, comentários e até representações visuais²⁶”. Há imagens impressas em *Scivias*, nas quais Hildegard provavelmente participou, e que “[...] mostram uma proliferação de círculos concêntricos, bordas irregulares e pontos pretos. Excepcionalmente, suas iluminações incluem o uso de ouro e prata, os metais criando o efeito de ‘escotoma’ – áreas cintilantes e tremulantes de luz e escuridão²⁷” (Ramirez, 2023, p. 186).

A propósito disso, em prefácio a *Scivias* (2015, p. 8), Caroline Walker Bynum, professora de História, comenta que as visões de Hildegard eram revestidas de uma natureza política e eram assentadas em experiências físicas de luz e dor. De acordo com Bynum (*In: Hildegard*, 2015, p. 8), Hildegard empregava em seus escritos, “[...] imagens do Antigo Testamento para abordar uma variedade de temas, incluindo pedras preciosas, construções nobres, agricultura, crescimento orgânico, cortes reais, guerras e roupas luxuosas”. Essas imagens, seguindo as palavras da professora, “[...] eram notavelmente distintas das meditações mais suaves, domésticas e até sentimentais sobre a Sagrada Família e a experiência humana de Jesus, comuns nos conventos da Renânia do século XIV” (Bynum *In: Hildegard*, 2015, p. 8).

Nesse viés, é necessário mencionar um episódio envolvendo o rapto de um dos mais importantes escritos de Hildegard. Ramirez (2023, p. 169) coloca-nos frente à historiadora de arte alemã Margerete Kühn (1902-1995) para relatar esse infortúnio. O fato ocorrido em 1948

²⁶ Original: “she returned to her visions again and again in all her works, and alongside extensive descriptions of what she saw, she provided explanations, commentaries and even visual representations” (Ramirez, 2023, p. 186).

²⁷ Original: “Images from *Scivias*, which Hildegard almost certainly had a hand in, show a proliferation of concentric circles, jagged edges and black spots. Unusually, her illuminations include the use of both gold and silver, the metals creating the effect of ‘scotoma’ – shimmering and flickering areas of light and dark” (Ramirez, 2023, p. 186).



fez com que Kühn, em uma missão de resgate ao manuscrito da teóloga, atravessasse de Berlim Oriental para Berlim Ocidental, carregando consigo um volume incalculável dos escritos de Hildegard. Essa ocorrência é assim descrita por Ramirez:

Uma mulher corajosa e assustada está arriscando sua vida em uma ousada missão de resgate. Nestes anos do pós-guerra, a estudiosa medieval Margarete Kühn não está a lidar com espões e nazis: em vez disso, raptou um livro. Auxiliada por sua amiga Caroline Walsh, esposa de um militar americano, Margarete garantiu a passagem segura do manuscrito por 400 milhas, atravessando as partes mais selvagens e hostis da paisagem devastada pela guerra da Alemanha até um mosteiro isolado bem acima das margens do Reno. Além de salvarem as preciosas resmas de pergaminho, as mulheres preservam algo ainda mais importante: o legado de um santo do século XII cuja reputação é incomparável na Alemanha. Desde a sua infância como freira enclausurada, com apenas um punhado de companheiras, até à sua ascensão no cenário internacional como uma importante estudiosa, teóloga, visionária, musicista, linguista, artista e cientista, a notável vida de Hildegard [...] tem sido comemorada há séculos. No entanto, à medida que as consequências da Segunda Guerra Mundial devastam a sua casa na Renânia, as suas obras escritas são destruídas, roubadas, escondidas e perdidas²⁸ (Ramirez, 2023, p. 169).

O manuscrito em questão era o *Riesencodex*, o livro gigante, composto por 481 fólios de pergaminho, que continha grande parte dos escritos de Hildegard – reunidos por vários escribas durante anos – e que integravam seus textos acerca de uma variedade de temas (Ramirez, 2023, p. 170-171).

Apesar de sua significativa produção escrita, como uma das mulheres prenunciadoras do protestantismo, ao lado da monja beneditina e santa da Alemanha Isabel de Schönau (1129-1164), Hildegard teve seu *status* no século XIII restritamente associado à sua contribuição para a reforma e vigilância ortodoxa da Igreja medieval. Suas escritas incluem “[...] três grandes obras teológicas, a primeira peça moral registrada; dois tratados científicos, mais de 300 cartas e um grande quantidade de músicas²⁹”, sendo “[...] considerada por

²⁸ Original: “[...] brave, frightened women is risking her life in a daring rescue mission. In these post-war years, medieval scholar Margarete Kühn is not dealing with spies and Nazis: instead, she has kidnapped a book. Assisted by her friend Caroline Walsh, an American military spouse, Margarete has secured the manuscript's safe passage across 400 miles, traversing the wildest and most hostile parts of Germany's war-ravaged landscape to a secluded monastery high above the banks of the Rhine. As well as saving the precious reams of vellum, the women are preserving something more important still: the legacy of a twelfth-century saint whose reputation is second to none in Germany. From her childhood as an enclosed nun with just a handful of companions, to her rise on the international stage as a leading scholar, theologian, visionary, musician, linguist, artist and scientist, the remarkable life of Hildegard of Bingen [...] has been celebrated for centuries. Yet as the aftermath of the Second World War rips through her home in the Rhineland, her written works are destroyed, stolen, hidden and lost” (Ramirez, 2023, p. 169).

²⁹ Original: “She Wrote three major theological works, the first recorded morality play; two scientific treatises, over 300 letters and a large body of music” (Ramirez, 2023, p. 179).



feministas, praticantes da Nova Era, músicos e muitos outros como uma maravilha medieval³⁰” (Ramirez, 2023, p. 179).

Jane Duran (2006, p. 28) sublinha que o foco dos trabalhos de Hildegard centravam-se nos aspectos metafísicos holísticos, recusando-se a afastar esses aspectos de questões físicas, não se tratando, pois, de um trabalho feminista em seu sentido atual, antes trata em grande medida do movimento de Gaia, conhecido como “*deep ecology*”³¹. Contudo, lembremos do que afirma a teóloga italiana Karin Heller, doutora em História das Religiões e Antropologia Religiosa:

Para Hildegard a visão da relação homem-mulher estava ancorada em uma complementaridade, baseada em uma igualdade entre os sexos. Ela expressa o seu pensamento utilizando uma linguagem emprestada de Aristóteles e de Platão, mas, ao mesmo tempo, distanciando-se deles. Ela explica o ser humano com a ajuda dos quatro elementos da natureza (fogo, água, ar, terra). Aristóteles opõe os homens às mulheres, torna o homem superior à mulher e associa o homem ao fogo e ao vento, e a mulher à água e à terra. Hildegard, ao contrário, associa o homem ao fogo e à terra, e a mulher ao ar e à água. Assim, ela estabelece um equilíbrio entre elementos leves e pesados, inferiores e superiores, que funciona em favor dos dois sexos. Apoiada em sua leitura dos relatos do Gênesis 1 e 2, ela se opõe novamente a Aristóteles, que exige a submissão da mulher ao homem, por causa do fato de a mulher não controlar as suas emoções (Heller, 2012).

E, a despeito disso, a teóloga causa um deslocamento no que concerne a inferências quanto à relação entre mulheres e homens. Para Heller (2012), “[...] Hildegard rompe com essa visão bipolar, argumentando que, tendo sido criada a partir da carne do homem e não da terra, goza de uma maior estabilidade do que o homem”. Portanto, seguindo ainda as palavras de Heller (2012), “[...] ela não só é capaz de controlar as suas emoções, mas o faz a partir de uma posição que a favorece com relação ao homem”. Por fim, a estudiosa assevera que, “[...] à convicção bipolar aristotélica do respeito imposto à mulher por parte do homem, ela opõe o respeito que a própria mulher inspira graças à prática das virtudes no seguimento de Cristo” (Heller, 2012).

Em consonância, pois, com a perspectiva de Heller, compartilho de sua compreensão de que os trabalhos de Hildegard, opondo-se à visão aristotélica, imprimem uma concepção de equidade na coexistência de gêneros. Seus trabalhos científicos reverberam tal concepção

³⁰ Original: “[She is] held up by feminists, New Age practitioners, musicians and many more as a medieval wonder” (Ramirez, 2023, p. 179).

³¹ *Deep ecology* ou ecologia profunda é uma dentre tantas outras perspectivas as quais procuram promover a Terra, assim como todos aqueles que nela habitam (Barnhill & Gottlieb, 2001, p. 8).



na medida em que ela “[...] posicionou homens e mulheres não em oposição uns aos outros, mas exibindo uma ampla gama de características dependendo de suas naturezas. Ela contestou visões misóginas estabelecidas em relação à menstruação, enfatizando, em vez disso, que esse fluxo faz parte dos seres humanos³²” (Ramirez, 2023, p. 191). Para além desse posicionamento, conforme *Femina* nos informa, a teóloga “[...] também se opôs a autores masculinos contemporâneos que reforçaram consistentemente a ideia de que as mulheres são mais lascivas do que os homens³³” (Ramirez, 2023, p. 191).

A teologia de Hildegard, conforme Ramirez (2023, p. 191), destaca a importância de figuras femininas na igreja e na espiritualidade, como Eclésia, Sinagoga, Amor, Sabedoria, Eva e a Virgem Maria, no entanto – mesmo o sacerdócio sendo reservado aos homens –, Hildegard argumentou que todos os aspectos da igreja, inclusive Cristo, dependem da presença e do papel das mulheres. Todavia,

[...] há momentos em que ela repreende a sua feminilidade, como na sua primeira carta registrada, astuciosamente dirigida a um dos homens mais influentes do século XII. Bernardo de Clairvaux, pregador e mentor do papa, ouviu como ela era ‘miserável e mais do que miserável na minha existência feminina’. Ela continuou a enfatizar a fraqueza das mulheres na sua primeira grande obra, *Scivias*, onde perpetua o relato do Gênesis sobre como a primeira mulher foi criada a partir de Adão. Tal como Eva, Hildegard permaneceu ‘na fragilidade da costela mais fraca, mas cheia de inspiração mística’ ao apresentar estas visões tradicionais da diferença de gênero. Filtrado pela pena de seu secretário Volmar, há todas as chances de que haja necessidade de autocensura. No início de sua carreira, ela teve que descrever suas experiências, emoções e ideias de maneiras que seriam aceitáveis para o público masculino que os examinaria³⁴ (Ramirez, 2023, p. 191).

Quando comparamos o exposto com o protagonismo feminino defendido por Hildegard, é possível perceber o surgimento de certa incongruência com relação à sua visão

³² Original: “[...] she positioned men and women not in opposition to one another, but as displaying a wide range of characteristics depending on their natures. She undermined established misogynistic views towards menstruation, stressing instead that it is part of the natural flow of blood in all humans [...]” (Ramirez, 2023, p. 191).

³³ Original: “She also opposed contemporary male authors who consistently reinforced the idea that women are more lustful than men” (Ramirez, 2023, p. 191)

³⁴ Original: “[...] there are times where she berates her femininity, as in her very first recorded letter cannily addressed to one of the most influential men of the twelfth century. Bernard of Clairvaux, a preacher and mentor to the pope, heard how she was ‘miserable and more than miserable in my womanly existence. She continued to emphasise the weakness of women in her first major work, *Scivias*, where she perpetuates the Genesis account of how the first Woman was created out of Adam. Like Eve, Hildegard remained ‘in the fragility of the weaker rib but filled with mystical inspiration.’ In presenting these traditional views of gender difference she was playing to a societal norm, creating an unfrontational space in which her voice could be heard. Filtered through the quill of her male ‘secretary Volmar, there is every chance Hildegard felt the need to self-censor. At the start of her career, she had to describe her experiences, emotions and ideas in ways that would be acceptable to the male audience that would scrutinise them” (Ramirez, 2023, p. 191).



de gênero. Como Duran (2006, p. 42) mencionou, seria simplista dizer que Hildegard tem algo que se aplica a todos, ou que há uma solução simples para desvendar o paradoxo posto por seu trabalho, que, evidentemente, está alicerçado em uma antologia cristã. Entretanto, um modo de dar maior relevo ao seu legado, conforme Duran (2006, p. 42), seria integrar o seu trabalho à sua vida, de maneira a impactar a vida de outras pessoas.

Mas a postura autocensurada e sua percepção do feminino enquanto representação da fraqueza não perdurou, graças à sua reputação que crescia, devido a seus trabalhos os quais passaram a angariar maior credibilidade. Paralelamente a isso, houve um decréscimo no que se refere às inferências à fraqueza de Hildegard enquanto mulher, sendo estendidas à sua própria produção. A mudança nesse sentido pode ser verificada em seus trabalhos teológicos posteriores.

Para exemplificar essa conduta, Ramirez (2023, p. 192) aponta a alteração de pronomes regulares em produções da teóloga, uma vez que, ao descrever suas visões, ela iniciava referindo-se “[...] a um homem ‘vendo’, mas o ponto de vista mudava na frase seguinte para o de uma mulher”³⁵. Para a autora de *Femina*, “[...] esta indefinição de gênero parece deliberada; uma forma de mostrar que o Amor Divino (que ela caracteriza como feminino) flui através de tudo, independentemente do sexo biológico percebido³⁶” (Ramirez, 2023, p. 192).

Cabe salientar, conforme informa a historiadora norte-americana Joan Scott (2019, p. 65), que “[...] as preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX”, sendo que “[...] o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens” (Scott, 2019, p. 65).

Contudo, essa questão em torno do gênero aludida por Ramirez – que parte do contexto medieval e que evidencia preocupação de Hildegard em não fazer distinção entre os sexos – pode ser tomada como uma importante contribuição para os debates feministas. Isso

³⁵ Original: “[...] she would start by referring to a man 'seeing', but the viewpoint would switch in the next sentence to that of a woman” (Ramirez, 2023, p. 192).

³⁶ Original: “This blurring of gender appears deliberate; a way of showing that Divine Love (which she characterises as feminine) flows through everything regardless of perceived biological sex” (Ramirez, 2023, p. 192).



porque, por exemplo, essa temática encontra eco em pensamentos feministas contemporâneos, como os da feminista Donna Haraway. Ao contestar acerca da ideia de que as diferenças sexuais são naturais e imutáveis, a filósofa declara, por seu turno, que “[...] gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta” (Haraway, 1995, p. 221). Assim, se seguirmos a conclusão de Ramirez, na qual é sugerida uma postura de Hildegard voltada à equidade da natureza humana perante o Divino, é possível perceber a teóloga enquanto uma figura inspiradora para as lutas feministas do presente – as quais visam alcançar a igualdade de gênero e promover o direito das mulheres na sociedade contemporânea.

Por outro lado, sem pretender esgotar os feitos de Hildegard, vale ainda acrescentar que, com certa visão poética, “[...] ela também visualizou conceitos centrais, como a manifestação física do Amor, como tendo elementos masculinos, femininos e animais; um homem velho de barba com a cabeça sobre uma mulher, com uma águia em cima daquele³⁷” (Ramirez, 2023, p. 192). Essa passagem, contendo elementos que mesclam traços masculinos, femininos e animais, sugere a visão simbólica de Hildegard sobre o amor e sua manifestação, indica a forma simbiótica pela qual ela interpreta o mundo, através da interconexão entre elementos distintos, humanos/animais, compreendendo uma noção complexa e integradora do conceito de amor por parte de Hildegard.

Isso, por sua vez, reflete uma visão singular da vida e dos pensamentos de uma mulher que experimentou um período histórico desfavorável às mulheres, haja vista os raros casos de mulheres cujas vozes eram propagadas. Como Silvia Federeci³⁸ (2019, p. 71) sustenta em *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*, as mulheres da era medieval eram “completamente depreciadas”. Logo, é oportuno lembrar que, como parte do resultado disso, não há nenhuma escritora importante da era medieval cujas obras os estudiosos modernos não tenham atribuído a um homem, mesmo com poucas evidências para isso (Dronke, 1984, p. ix).

³⁷ Original. “She also visualised central concepts, like the physical manifestation of Love, as having male, female and animal elements; an old male bearded head atop a woman, with an eagle on top of that” (Ramirez, 2023, 192).

³⁸ Como Ramirez, Federeci também retorna ao passado em busca de compreender as dinâmicas sociais vividas pelas mulheres. Em *Mulheres e caça às bruxas*, a autora empenha-se em entender de modo especial “[...] as causas da atual onda de violência contra as mulheres” (Federeci, 2019, p. 23), pois segundo seu ponto de vista, a crescente onda de feminicídios “[...] tem sua raiz nas tendências estruturais constitutivas do desenvolvimento capitalista e do poder estatal em todas as épocas” (Federeci, 2019, p. 91).



Sob o ponto de vista de Ramirez (2023, p. 193), é impossível rotular uma mulher medieval como “feminista”, já que o conceito e o vocabulário associados ao termo são produtos da era moderna. Embora Hildegard não estivesse familiarizada com as abordagens feministas, ela demonstrou preocupação com questões femininas em seu trabalho, colocando-as no cerne de suas atividades, sendo que “[...] suas obras públicas colocaram as preocupações das mulheres à frente dos principais líderes masculinos à época, e o seu próprio exemplo teria sido inspirador para outros que a seguiram³⁹” (Ramirez, 2023, p. 193).

Observando esse contexto, é legítimo defender a relevância e a contribuição da postura de Hildegard, ousada à sua época, para os novos modos de entender as relações humanas no presente, sobretudo, no que se refere àqueles de fundamentação feministas. Embora o termo “feminismo” tenha surgido muito depois de Hildegard – e ainda que não seja pertinente compreendê-la como uma feminista nos moldes contemporâneos, como advoga Ramirez –, é possível traçar paralelos entre seu modo de pensar e pensamentos feministas contemporâneos (concentrados principalmente em aspectos relacionados à igualdade de gênero, aos direitos das mulheres e à análise crítica das estruturas sociais e seus desdobramentos).

Encontramos justificativa para tanto, por exemplo, ao percebermos que as obras de Hildegard enfatizam a importância das mulheres, ressaltando a capacidade feminina no desempenho de papéis expressivos na sociedade e na religião. Apenas para ilustrar, Hildegard confrontou normas sociais de sua época ao assumir a liderança do Mosteiro de Rupertsberg, em 1150, exercendo autoridade sobre suas freiras, o que pode ser interpretado como movimentos em direção à igualdade de gênero.

Logo, é visível o diálogo possível entre *Femina* – analisada aqui com ênfase exclusiva na figura de Hildegard – e epistemologias feministas contemporâneas. Embora esteja expressa, nessa afirmativa, uma comparação entre dois elementos de dimensões distintas (livro/epistemologias), defendo essa possibilidade, por haver conexão direta entre ambos, sendo que a discussão epistemológica adotada para esta reflexão informa a interpretação exposta e argumentada aqui.

³⁹ Original: “Her public works put the concerns of women in front of the leading male power players of the time and her own example would have proved inspirational to others that followed her. As her reputation grew, so did her worldly influence” (Ramirez, 2023, p. 193).



Dito de outro modo, o referido diálogo se realiza, pois *Femina* proporciona o repensar a situação feminina, experienciada em um dado contexto temporal/Idade Média, revelando pensamentos e condutas discriminatórias em relação a figuras femininas, resultando na marginalização e no apagamento dessas figuras ao longo da história, dentre outras consequências. Ao passo que epistemologias feministas se preocupam em compreender as dinâmicas de absorção de conhecimento, como elas são produzidas, validadas e legitimadas pela sociedade. Elas questionam, por exemplo, formas tradicionais que operam na sociedade para marginalizar ou ignorar as experiências e perspectivas de mulheres e de outros grupos marginalizados e invisibilizados. Como atestam Nancy Fraser & Linda Nicholson (1990, p. 26), suas representantes declaram que aquilo que é considerado como verdades universais e necessárias é, na verdade, contingente, parcial e influenciado pela história, mas também pelas circunstâncias específicas de determinado tempo e lugar. Acrescenta-se a isso a perspectiva do historiador e da historiadora quanto ao que pode ser considerado como fonte, bem como as problematizações que surgem ao interpretá-la.

Diante disso, *Femina*, por meio do enfoque em Hildegard, provoca a reavaliação da situação da mulher contemporânea, configurando-se como um texto cujo teor atende ao perfil dos debates pautados em epistemologias feministas. Vale acrescentar ainda que, conforme a filósofa Sandra Harding (1990, p. 83), “[...] feministas nas tradições científicas tentaram reformar e transformar as teorias e práticas dessas tradições, a fim de criar representações do mundo menos parciais e menos distorcidas do que as representações androcêntricas convencionais”⁴⁰.

A filósofa argumenta que as feministas almejam “[...] menos histórias falsas sobre a natureza e a vida social; querem explicações científicas que possam fornecer guias úteis para melhorar as condições das mulheres. Além disso, querem produzir novas teorias e estudos empíricos⁴¹” (Harding, 1990, p. 83). De maneira semelhante, Ramirez (2020) também contempla tal questão, uma vez que ela julga que nossa compreensão do passado é construída sobre falsidades e manipulações, conforme já destacado em epígrafe, no início deste texto.

⁴⁰ Original: “Feminists in the scientific traditions have attempted to reform and transform the theories and practices of these traditions in order to create less partial and less distorted representations of the world than the mainstream androcentric ones” (Harding, 1990, p. 83).

⁴¹ Original: “They want less false stories about nature and social life; they want scientific explanations that can provide useful guides to improving the conditions of women. In addition to producing new theories and empirical studies [...]” (Harding, 1990, p. 83).



Mas indo além disso, em *Femina*, explorando o passado medieval, sua autora instiga-nos a conhecermos mais sobre o nosso próprio passado. Afinal, “Como podemos saber quem somos sem olhar para trás? Cada um de nós, como indivíduos, temos o desejo de compreender de onde viemos, o que nos aconteceu e como fomos afetados pelos acontecimentos que ocorrem ao nosso redor. Isso é estudar história em miniatura⁴²” (Ramirez, 2020).

Parece inevitável que passamos a nos importar com o que nos antecedeu e com aqueles que nos antecederam, reavaliando os eventos e comportamentos situados em um tempo passado, e tendo consciência de seus efeitos incorporados no mundo contemporâneo, tal como Ramirez o fez.

Portanto, a história de Hildegard, dentre outras exploradas em *Femina*, por certo, é somente uma das muitas histórias que precisamos visitar. A investigação minuciosa de Ramirez em torno da vida dessa abadessa informa que a era medieval também foi constituída, de algum modo, pelo poder feminino, representado, por exemplo, pela figura de Hildegard.

Considerações finais

Nesta discussão, apresentei uma leitura de *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It*, obra que, conforme indica seu título, traz à discussão a vida de mulheres que viveram durante o período medieval, a exemplo de Rex Jadwiga, Margery Kempe e Eleanor, Hildegard de Bingen, dentre outras. Diante da riqueza de conteúdos abordados por Ramirez nesta obra, optei por limitar esta discussão tão somente às reflexões tecidas pela autora acerca de Hildegard, sem esgotar, portanto, as possibilidades de reflexão suscitadas por *Femina*.

Encaminhei-me nessa direção ciente da necessidade de reconhecer a importância do papel da mulher ao longo da história da era medieval e motivada pelas descobertas de Ramirez, no que diz respeito à expressividade feminina naquele tempo. Isso, em um cenário em que algumas figuras femininas históricas foram involuntariamente ignoradas, e outras foram propositalmente apagadas por aqueles que se sentiam ameaçados por elas.

⁴² Original: “How can we know who we are without looking backwards? Each of us as individuals have an urge to understand where we have come from, what has happened to us, and how we have been affected by events taking place around us. That is studying history in miniature” (Ramirez, 2020).



Objetivei, desse modo, defender a importância do reconhecimento e da circulação de histórias protagonizadas por mulheres e sobre mulheres que viveram em diferentes períodos e sociedades, colaborando, assim, para uma visão mais abrangente da história e da sociedade.

Como declarado por Ramirez (2020), “[...] abordar o passado através da vida e das histórias das mulheres oferece um prisma único através do qual podemos encontrar perspectivas novas e negligenciadas⁴³”, as quais merecem e devem ser propagadas. Práticas como a materializada em *Femina*, envolvendo um olhar sobre o passado, são essenciais para confrontar sistemas patriarcais, combater sub-representações femininas, inspirar outras mulheres, apenas para citar algumas.

Resta dizer que *Femina* não é uma reescrita da história, como atestado pela própria autora, pois ela apoiou-se nos mesmos fatos, eventos, assim como em evidências que sempre estiveram ao nosso acesso, combinando-os com avanços e achados mais recentes (Ramirez, 2023, p. xiii). O que há de novo é que ela mudou o foco. Se antes, lentes focavam prioritariamente personagens masculinos, em *Femina* vemos seu deslocamento para personagens femininas.

Referências

Barnhill, David Landis & Gottlieb, Roger S. (Ed.). **Deep Ecology and World Religions: New Essays on Sacred Grounds**. Nova York: State University of New York Press, 2001.

Bynum, Caroline Walker. Prefácio. *In: Hildegard, Bingen von. Scivias: (Scito vias Domini): conhece os caminhos do senhor / Santa Hildegarda*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

Crowther, Kathleen, 'Sexual Difference'. **The Oxford Handbook of the Protestant Reformations**. *In: Rublack Ulinka (Org.)*. Nova York: Oxford Academic, 2015. p. 667-688.

Dronke, Peter. **Women Writers of the Middle Ages: A Critical Study of Texts from Perpetua (†203) to Marguerite Porete (†1310)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Duran, Jane. “Hildegard of Bingen.” *In: Duran, Jane. Eight Women Philosophers: Theory, Politics, and Feminism*. Illinois: University of Illinois Press, 2006. p. 21–48.

⁴³ Original: “Approaching the past through women's lives and stories offers a unique prism through which to find new and overlooked perspectives” (Ramirez, 2020).



Andréa Moraes da Costa

Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It de Janina Ramirez:
O caso de Hildegard von Bingen

Esmeraldo, Gema Galgani Silveira Leite. O feminismo no plural: para pensar a diversidade constitutiva das mulheres diversidade constitutiva das mulheres. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 3, p. 829-831, 2006.

Federici, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

Fraser, Nancy & Nicholson, Linda. Social Criticism without Philosophy: An Encounter between Feminism and Postmodernism. In: Nicholson, Linda J. (Ed.). **Feminism/Postmodernism**. New York e London: Routledge, 1990. p. 19- 38.

Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

Harding, Sandra. Feminism, Science, and the Anti-Enlightenment Critiques. In: Nicholson, Linda J. (Ed.). **Feminism/Postmodernism**. New York e London: Routledge, 1990. p. 83-106.

Heller, Karin. **Hildegard de Bingen e a igualdade homem-mulher**. Instituto Humanitas - Unisinos [[online](#)], 30 de abril de 2012.

Hildegard, Bingen von. **Scivias**: (Scito vias Domini): conhece os caminhos do senhor / Santa Hildegarda. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

Norwich Julian of. **Revelations of Divine Love**. New York: Cosimo Classics, 2007.

Perrot, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 8, n. 18, 1989.

Perrot, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**. n. 4, p. 9-28, 1995.

Ramirez, Janina. Conversation: Dr. Janina Ramirez, Presenter and Historian. Entrevista concedida a Alex Haveron-Jones. **The Oxford Student**, [[online](#)], janeiro de 2020.

Ramirez, Janina. **Femina**: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It. Toronto: Hanover Square Press, 2023.

Said, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.



Andréa Moraes da Costa

Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It de Janina Ramirez:
O caso de Hildegard von Bingen

Submetido em: 15 de março de 2024

Avaliado em: 18 de abril de 2024

Aceito em: 15 de maio de 2024